



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

EUGENIO EURICO CHIULELE

**FILOSOFIA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NO COMBATE AO RACISMO NO BRASIL**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

EUGENIO EURICO CHIULLE

**FILOSOFIA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NO COMBATE AO RACISMO NO BRASIL**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2024

EUGENIO EURICO CHIULLE

**FILOSOFIA AFRICANA E SUAS CONTRIBUIÇÕES
NO COMBATE AO RACISMO NO BRASIL**

Projeto de pesquisa apresentado ao Curso de Bacharelado em Humanidades, do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Data de aprovação: 07/05/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Matheus Benedicto (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof. Dr. Ercílio Langa

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	OBJETIVOS	5
1.1.1	Geral	5
1.1.2	Específicos	5
2	JUSTIFICATIVA	6
3	REFERENCIAL TEÓRICO	7
4	METODOLOGIA	13
5	CRONOGRAMA DA PESQUISA	14
	REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

A filosofia africana tem desempenhado um papel significativo no combate ao racismo no Brasil, oferecendo uma base teórica e conceitual para a valorização da cultura africana, a promoção da igualdade racial e a desconstrução de estereótipos e preconceitos.

Pensar na filosofia africana como contribuição no combate ao racismo é pensar em uma nova história para gerações vindouras e quebra de várias barreiras no mundo atual moderno em que o racismo tem estruturas altamente organizadas e várias facetas de modo a ressignificar as imagens difundidas dos povos africanos trazendo elementos que desmistifiquem a presença da população negra africana no Brasil.

Refletir sobre a necropolítica e a questão do deixar viver e deixar morrer torna-se algo inevitável (Mbembe, 2018). Esta política tem como estruturas o controle de vidas a partir de aparelhos sociais públicos. Sendo assim, o racismo é uma das produções do sistema necropolítico em que elites são as quem detém o poder. Contrário da classe dominada associada à negatividade e outros vários aspectos (Gomes, 2016).

A questão problema desta temática é SABER: “quais são as contribuições da filosofia africana quanto ao combate do racismo no Brasil”?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

O objetivo geral da pesquisa é discutir como a filosofia africana pode contribuir na luta anti-racista trazendo argumentos para a desconstrução do racismo no Brasil e explicando como a filosofia Africana pode ser usada no combate ao racismo com suas possíveis contribuições.

1.1.2 Específicos

- Apresentar a história e o desenvolvimento da filosofia africana;
- Compreender a filosofia africana como mudança de visão no ponto de vista racial;
- Observar as possíveis possibilidades de mudança face ao racismo através da filosofia africana.

2 JUSTIFICATIVA

Primeiramente a motivação para escolha do tema surge em relação a injustiças históricas, portanto é de extrema relevância, sabe-se que o racismo é um problema global perpetuante em diferentes sociedades, principalmente contra pessoas negras e diferentes grupos sociais ou etnias. Estudar a Filosofia Africana e suas contribuições no combate ao racismo é bastante importante para compreensão da trajetória e histórica africana ou povos negros e partindo desta para que possamos combatê-la de forma estratégica e eficaz. É sabido que a Filosofia Africana é um campo de estudo na qual engloba várias tradições filosóficas, referindo-se a valores culturais do africano e cosmovisões dessas culturas afrodescendentes.

Torna-se necessário explorar a diversidade da Filosofia Africana para melhor entendimento da sua contribuição para ampliar o conhecimento sobre a história e cultura africana, de modo a desafiar estereótipos e preconceitos construídos a partir da herança colonial. Além disso, temos também uma perspectiva crítica e reflexiva sobre questões de identidade, poder, justiça social e relações interculturais. Suas contribuições fornecem ferramentas para desconstruir narrativas racistas, promover a valorização da diversidade étnico-racial e fomentar a luta por equidade e justiça. Sob uma perspectiva científica, a justificativa para esse estudo reside na necessidade de preencher lacunas no conhecimento existente e avançar no entendimento das estruturas de poder e das dinâmicas sociais que perpetuam ao racismo.

Explorar as experiências históricas e contemporâneas dos povos africanos, bem como sua resistência e resiliência, contribui para uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados por essas comunidades e pode fornecer percepções valiosas para o desenvolvimento de políticas e ações que promovam a igualdade e a valorização das diversidades culturais. Dessa forma, os estudos do combate ao racismo no Brasil, vem sofrido constantemente pelos povos africanos, com ênfase em suas identidades e culturas, está embasada tanto em uma motivação pessoal, ao reconhecer a importância de dar voz aos oprimidos, quanto em uma perspectiva social, na busca por uma sociedade mais justa, e científica, visando a ampliação do conhecimento e o desenvolvimento de ações concretas para enfrentar essas questões raciais.

Apesar da importância da Filosofia Africana no contexto atual, ainda há lacunas de conhecimento e poucos estudos acadêmicos dedicados a explorar suas contribuições específicas no combate ao racismo por ser um tema recente em discussão. Este trabalho pode ajudar a preencher essas lacunas ao investigar de forma aprofundada as perspectivas filosóficas africanas e seu potencial transformador na luta antirracista. Não se limitando apenas no foco da

pesquisa a Filosofia Africana Contribui academicamente e socialmente para o avanço do conhecimento acadêmico no campo da Filosofia, Estudos Africanos, Estudos Culturais e estudos Anti-racistas, além de gerar reflexões e debates relevantes para a sociedade em geral, promovendo a conscientização e ações concretas contra o racismo. Portanto torna-se necessário enfatizar a pertinência, a originalidade e a relevância do tema, destacando a importância de explorar as tradições filosóficas africanas como ferramenta para a promoção da igualdade, nos espaços sociais.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A história e o desenvolvimento da filosofia africana são fundamentais para compreender suas contribuições no combate ao racismo. A filosofia africana tem suas raízes na antiguidade africana, remontando a civilizações como o Egito Antigo, o Império Axum, o Império Mali e outros reinos e impérios que existiram no continente (Noguera, 2014).

Antes de qualquer abordagem pensamos no significado de filosofia como amor e sabedoria partindo desta a filosofia Africana nos faz pensar na produção de conhecimentos africanos partindo da África produzido por pensadores africanos, porém muito antes disso já existia a filosofia africana produzida a partir de não africanos e ocidentalizado, acrescentar que onde exista um ser humano existe também claramente uma experiência humana. Neste sentido, a filosofia existe em todo lugar. Através desta ela seria onipresente e pluriversal, representando várias facetas e fases decorrentes de experiências humanas particulares (Obenga, 2006; 49). Partindo desta reflexão pode-se dizer que a filosofia é crescente a cada século e em determinadas sociedades.

No entanto, a filosofia africana como campo acadêmico e disciplina formalmente estabelecida é um fenômeno relativamente recente. Durante muito tempo, o pensamento filosófico africano foi negligenciado e desvalorizado pela filosofia ocidental dominante, que tradicionalmente se concentrava nas tradições filosóficas gregas e europeias.

A partir do século XX, houve um ressurgimento do interesse pela filosofia africana e um movimento para reconhecê-la como uma disciplina legítima e autônoma. Filósofos e estudiosos africanos começaram a investigar e resgatar as tradições filosóficas do continente, buscando entender seus fundamentos, conceitos e implicações (Noguera, 2014). Uma das principais características da filosofia africana é sua diversidade e dinamismo. O continente africano abrange uma grande variedade de culturas, tradições e sistemas de pensamento, cada

um com suas próprias perspectivas filosóficas. Isso inclui abordagens como o ubuntu, que enfatiza a interconectividade e a ética comunitária, e o conceito de maat, que se refere à justiça e harmonia universal no antigo Egito (Assante, 2009).

Além disso, a filosofia africana também enfrenta desafios e críticas constantemente. Algumas questões debatidas incluem a influência do colonialismo na supressão e marginalização do pensamento filosófico africano, as dificuldades de preservação e transmissão das tradições filosóficas orais, e o diálogo e a integração com a filosofia ocidental e outras tradições filosóficas globais (Noguera, 2019). No contexto do combate ao racismo, a história e o desenvolvimento da filosofia africana são fundamentais para destacar a riqueza e a profundidade do pensamento africano e sua relevância para desafiar as estruturas racistas e promover a igualdade e o respeito pela diversidade cultural. Estudar a filosofia africana é uma forma de valorizar a perspectiva africana e sua contribuição para a construção de um mundo mais justo e inclusivo. Em outras palavras, para um afrocentrista, o fato de haver um senso coletivo de africanidade expresso no que está acontecendo ao redor do mundo um africano afrocentrista deve analisar as questões por localidade; como controle hegemônico da economia global, discriminação e zonas de poder estão construindo a chave para entender o fraco desenvolvimento econômico do povo africano (Assante, 2014).

Através da colonização os colonizadores tomaram frente e a autoridade de decidir o que seria a filosofia e o que não seria filosofia, colocando uma espécie de ordem ou regra no que diz respeito a produção desses conteúdos filosóficos, oprimindo e silenciando os povos africanos, analisando que faz parte de uma política pelos que detém o poder na tentativa de dominar e ter a autoridade única sobre ela. Quanto ao epistemicídio não existe nenhuma base para que seja negada a existência de uma filosofia africana, além disso é de extrema importância raciocinar que já existiam povos africanos com um alto nível de educação e intelectualidade nota se quando falamos nos egípcios suas construções e pirâmides nos tempos de Faraó (Ki_Zerbo, 1972).

Torna-se necessário retomar a ciência a fim de que seja possível criar em todo uma consciência autêntica igual a como é afirmado por Ki_Zerbo (1972) a África tem uma história em sua obra história da África. Logo implica que que há legados civilizatórios da África , embora o colonialismo ter apagado e deslocado tais legados aos africanos, assim diria que retomar a ciência é uma das formas de recuperar esses legados, pois o africano precisa saber que sempre criou ou tanto contribuiu na história da humanidade dessa forma é imperioso a renovação das disciplinas históricas na perspectiva africana partindo de si mesmo como

modelo, pois essa renovação poderá ajudar a conscientizar as mentes africanas para mudar os paradigmas instalados acerca do seu passado remoto.

Ademais existem filósofos africanos formados em diversas filosofias, ocidentais ou mundiais, porém mesmo assim é importante ressaltar que esta não tem o título filosofia africana contudo é importante perceber sua origem seu pertencimento. Dizer que se pode usar a filosofia para o desenvolvimento cultural assim como no fortalecimento das sociedades” (Nkrumah, 1964, p 54-55). Desta forma é importante olhar para filosofia como forma de libertação da humanidade e conscientização. Portanto essa tarefa da filosofia africana torna-se urgente na perspectiva de não apagamento ou vida olhando para a atual condição cultural, educacional, econômica e política dos povos do continente africano e diaspóricos.

Hoje em dia muito se discute sobre a filosofia africana e sua importância, principalmente se tratando de corpos negros fazedores de filosofia tem sido um tema de bastante interesse nos últimos anos, pois podemos entender a filosofia africana como uma porta chave para o debate e questionamentos trazidos do passado para o presente sendo vista como a filosofia libertadora, desta forma quebrando silenciamentos (Nkrumah, 1964).

Ademais esse fio de pensamento nos remete a vários obstáculos perante o africano assim como homem negro, imposta a demais limitações criando desta forma assim uma dúvida acerca da existência de uma filosofia africana. Uma vez o africano não sendo considerado um ser pensante capaz de produzir algum intelecto que é na verdade uma construção do tempo colonial que surge também na tentativa de apagamento da história africana (Ki_Zerbo, 1972). Isto é, África e africanos para viver sua própria história e memória devem buscar reconstruir as verdades ocultas sobre si e sua história.

É interessante observar que a inserção do negro do mundo ocidental se deu unicamente pela razão da mão de obra escrava. Diversos escravos vieram para o Ocidente amontoados em porões de navios e aqui no Brasil foram submetidos a escravidão. É importante destacar que os estudos africanos contribuíram e muito para a formação do conhecimento que se tem hoje da África. Quando falamos de estudos africanos estamos falando de uma série de conteúdos e conceitos relacionados a história dos africanos, a cultura, antropologia, linguística, entre outros fatores.

O combate ao racismo no Brasil é uma luta histórica e constante que visa garantir a igualdade de direitos e o fim das desigualdades e discriminações raciais. O país possui uma longa trajetória de escravidão e opressão racial, o que deixou marcas profundas na sociedade e nas relações raciais.

Ao longo dos anos, diversos movimentos e ações têm sido desenvolvidos para combater o racismo e promover a inclusão e a valorização da população negra. Podemos analisar abaixo alguns movimentos que são de extrema importância:

Quadro 1 - Movimentos para combate ao racismo no Brasil

Legislação antirracismo	O Brasil possui leis que criminalizam o racismo, como a Lei nº 7.716/1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou cor. Essas leis buscam punir os atos racistas e promover a igualdade racial.
Políticas de ação afirmativa	A implementação de políticas de ação afirmativa, como as cotas raciais em universidades e concursos públicos, visa corrigir as desigualdades históricas e promover a inclusão da população negra em espaços de poder e oportunidades
Movimentos sociais	Diversos movimentos sociais negros têm se organizado para denunciar e combater o racismo, como o Movimento Negro Unificado (MNU), o Movimento Negro Brasileiro (MNB) e outros grupos e coletivos que buscam conscientizar a população sobre as questões raciais e reivindicar direitos e igualdade.
Educação antirracista	A promoção de uma educação antirracista é fundamental para combater estereótipos e preconceitos e promover o respeito à diversidade. Incluir o ensino da história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas é um passo importante nessa direção.
Valorização da cultura negra	Valorizar e promover a cultura negra é uma forma de combater estereótipos e preconceitos. Valorizar a música, dança, arte, religiões de matriz africana e outras manifestações culturais afro-brasileiras contribui para a valorização da identidade negra e para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Fonte: Ribeiro (2019).

É importante ressaltar que o combate ao racismo no Brasil é um desafio complexo que requer ações em diversas áreas, como educação, saúde, trabalho, segurança, entre outras. Além

disso, é fundamental promover a conscientização e a reflexão sobre o racismo, tanto no âmbito individual como no coletivo, buscando desconstruir preconceitos, discriminações e construir uma sociedade mais igualitária e justa para todos. As diferenças que surgem a partir destas duas orientações culturais são significativas. A degradação das mulheres em uma cultura e o respeito às mulheres em outras são distinções que não devem ser ignoradas quando se analisa as dificuldades contemporâneas para povos Africanos, especialmente as mulheres Africanas vivendo em sociedades de orientações ocidentais (Njeri, 2019).

O entendimento de que os movimentos sociais pelos direitos culturais, políticos, seja ele qual for, não é um ato neutro, mas é fundamental para a discussão do contexto das lutas e reivindicações dos grupos que defendem a ideologia africana e afro-brasileira. Para iniciarmos um diálogo sobre essas ações no Brasil, é necessário conceituar movimentos sociais. Movimentos sociais são movimentos populares de representação de um grupo de interesses cuja ação social é orientada, o que descaracteriza como espontâneo, a fim de obter transformações políticas e econômicas em um novo cenário de transformações naturais, e sociais, levando em consideração a metodologia adotada, sua organização, seu contexto geográfico, seus representantes, ideologia, políticas, vitórias, derrotas, estrutura e experiência para se consolidar como representativo dentro de uma sociedade (Njeri, 2019).

As ideias e imagens que povoam os cenários mentais da sociedade brasileira sobre a África e os africanos são resultados de um intenso processo de apropriação e invenção do diversificado e heterogêneo conjunto de formas e sentidos utilizados para observar as sociedades daquele continente. Representações formadas por elementos herdados de uma longa e multifacetada tradição e por outros fabricados a partir das experiências históricas que mostram os africanos e afro-brasileiros como submissos, inferiorizados, incivilizados e passíveis de escravização, o certo é que, boa parte dessas imagens, associa os africanos a uma série de leituras depreciativas, apesar de existirem também os esforços em sentido contrário (Ribeiro, 2019).

A imagem caricatural do africano na sociedade brasileira é a do negro acorrentado aos grilhões do passado, imagem construída pela insistência e persistência das representações da África como a terra de origem dos negros escravizados, de um continente sem história e repleto de animais selvagens. A África é tida sempre como a diferente com relação aos outros continentes, há um bloqueio sistemático em pensar o africano sem o vínculo da escravidão. O imaginário social brasileiro tem dificuldades no processo do exercício da cidadania na formulação do modelo de origem dos afro-brasileiros. E são essas imagens que, ainda, povoam os livros didáticos no Brasil (Njeri, 2019).

A retenção e unidade cultural, é possível ligar a xenofobia ao desenvolvimento posterior de comportamentos e ideologias racistas, que podem ser vistos como a manifestação de um medo de estrangeiros ou das diferenças. O conceito resultante de raça tem sido objeto de discussão desde a sua entrada pseudo-científica no mundo intelectual e acadêmico de estudiosos e políticos europeus em 1700 (Davis, 2016).

A cultura deve ser vista como tendo evoluído como consequência de condições climáticas. Daqui resulta que, embora seja possível relacionar a composição genética de um povo a um grupo cultural, no geral, a cultura vai determinar o jeito que um povo se enxerga e, por isso, se comporta. Através de um processo de dominação e aculturação, é possível produzir pessoas europeizadas, as quais geneticamente pareçam africanas, mas cujas mentes tenham sido encarceradas por conceitos, valores e crenças eurocêntricas. Tais mulheres e homens, se forem incapazes de obter um entendimento sobre quem eles sejam, muito provavelmente acreditarão na fabricação europeia da inferiorização cultural e genética de populações Africanas (Almeida, 2018). Apesar do aumento de novelas com maior participação de negros em papéis até mesmo principais, em grande parte, eles ainda são representados de maneira negativa e estereotipados: de morador de favela ou de caráter duvidoso. Poucos representam personagens com sucesso profissional. Portanto, discutir acerca desses estereótipos existentes na mídia é uma maneira de contribuir para reflexão acerca de ideias racistas e preconceituosas na televisão e na sociedade brasileira (Gomes, 2016).

A conquista da África pelos europeus como a conquista do matriarcado pelo patriarcado. Ao mesmo tempo, a zona de confluência na área do atual do Oriente Médio também foi uma experiência paralela para os povos Indígenas Africanos que povoavam a área antes da conquista indo-ariana. O ponto que eu estou fazendo é que os valores matriarcais que os povos africanos retiveram, teve um grande impacto sobre a Europa durante e após a destruição de Kemet. Sua influência se espalhou pela Europa, inspirando mulheres sob a tirania da opressão patriarcal a praticarem crenças espirituais que invocavam os princípios femininos do Criador. Como observado anteriormente, os povos Africanos tinham se estabelecido na Europa antes da povoação dos Mouros já a partir de 1000 A.C Além disso, a conquista da Kemet pelos gregos em 332 a.C. e pelos romanos de 30 a.C. a 323 d.C. certamente teria tido uma grande influência sobre as mulheres gregas e romanas (Kizerbo, 1972).

4 METODOLOGIA

A metodologia aplicada nesta produção é uma pesquisa bibliográfica com método qualitativo baseada na revisão de literatura bibliográficas nacional das publicações pesquisadas no google acadêmico e após selecionar um quantitativo de material que fosse suficiente para subsidiar a pesquisa, então se procedeu à leitura para identificar citações mais específicas ao estudo a ser realizado.

Destaca-se o modelo teórico utilizado na pesquisa, tanto com fontes bibliográficas. Para Marconi e Lakatos (2014, p. 61), as principais fontes bibliográficas são “[...]obras de referência, teses, e dissertações, periódicas científicos, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e resumo”. Assim, buscou-se o embasamento teórico para caracterização de pesquisa científica, com referenciamento de estudos já publicados.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa porque é mais participativa e, portanto, menos controlável, podendo direcionar o rumo da pesquisa. Na visão de Gil (2015, p. 64) “Busca-se entender um fenômeno em profundidade e ao invés de estatísticas, regras e hipóteses, trabalham com descrições, comparações, interpretações e pressupostos”. Segundo Gil (2017), essas vantagens da pesquisa bibliográfica têm uma contrapartida que pode comprometer em muito a qualidade da pesquisa. Muitas vezes, as fontes secundárias apresentam dados coletados ou processados de forma equivocada.

Portanto, um trabalho fundamentado nessas fontes tenderá a reproduzir ou mesmo a ampliar esses erros. Para reduzir essa possibilidade, convém aos pesquisadores garantirem as condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-as cuidadosamente.

A coleta de artigos foi pesquisada na base de dados online no Google Acadêmico e Scientific Eletronic Library Online (SciELO). Após selecionar um quantitativo de material que fosse suficiente para subsidiar a pesquisa, então se procedeu à leitura para identificar citações mais específicas ao estudo a ser realizado.

5 CRONOGRAMA DA PESQUISA

	ABRIL -MAIO	JUNHO- JULHO	AGOSTO- SETEMBRO	OUTUBRO- NOVEMBRO	DEZ- JAN- FEV
Levantamento Bibliográfico	X	X			
Definição dos instrumentos de coletas de dados - fichamento			X		
Análise do material coletado		X			
Conclusão da pesquisa			X	X	
Fechamento do trabalho e preparação do artigo				x	
Artigo					x

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade a teoria de mudança social. **Afrocentricidade Internacional**, 2014.
- ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009. p. 93-110.
- DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOMINGOS, Luis Tomas. A visão africana em relação à natureza. Anais Do Iii Encontro Nacional Do Gt História Das Religiões E Das Religiosidades–ANPUH-Questões teórico-metodológicas no estudo das religiões e religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n. 9, 2011.
- GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- GOMES, Elizângela. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, Santa Catarina: v. 21, n. 3, p. 738-752, ago./nov., 2016.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Negros e educação no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de africanos: duas perspectivas sobre os estudos africanos. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 149-160, 2008.
- KIZERBO, Joseph. **O despertar da África negra ou a história recomeça**, in História da África negra, vol.2. Vizeu: Europa-América, 1972.
- MARCONI, A.; LAKATOS, E. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2014.
- MAZAMA, Ama. L' **Impératif Afrocentrique**. Pennsylvania: Afrocentricity International, 2012.
- NJERI, Aza; RIBEIRO, Katiúscia. Mulherismo Africana: práticas na diáspora brasileira. **Currículo sem fronteiras**, v. 19, n. 2, p. 595-608, 2019.
- NKRUMAH, Kwame (1957), Ghana. **Autobiography of Kwame Nkrumah**. London: Nelson.

NOGUERA, Renato. Cidade ou Aldeia? Trabalho ou Brincadeira? **Cosmos & Contextos**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p. 24-42, 2017a.

NOGUERA, Renato. Denegrindo a filosofia: o pensamento como coreografia de conceitos afroperspectivistas. **Griot** – Revista de Filosofia, Amargosa, Bahia – Brasil, v.4, n.2, p. 1-19, dez/2011.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2014.

NOGUERA, Renato. Pinóquio e Kiriku: infância(s) e educação nas filosofias de Kant e Ramose. **Revista AÚ**, ano 02, p. 5-18, 2017b.

NOGUERA, Renato; GUTMAN, Catia; FEITOSA, Dayane. Pintando e desenhando Pinóquio e Kiriku na escola. **Aprender**: Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista-BA, Ano XI, n. 19, p. 75-94, jul./dez. 2017c.

OBENGA, Théophile. Egypt: Ancient History of African Philosophy. *In*: KWASI, Wiredu (org.). **A Companion to African Philosophy**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2004, pp.31-49.

REIS, Maria Conceição; LIMA, Cledson Severino de; NASCIMENTO, Emerson Raimundo do. Reflexões sobre o paradigma afrocentrado na pós-graduação brasileira. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**. n. 31, maio/out. 2019, p. 119-135.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.